

REVEILLON

Dr. MARCELO ALCARAZ
Centro Universitário Campos de Andrade, UNIANDRADE
Curitiba, Paraná, Brasil
(marceloalcaraz1969@gmail.com)

Reveillon é uma palavra francesa que significa reanimar, despertar, por isso, dizia-se sem parar *Feliz ano novo, feliz ano novo*, em vários idiomas e dialetos, sem muita convicção, como se as palavras pudessem evocar algo que está ausente e nos conduzissem a um melhor caminho na opacidade daquele início.

Um britânico era o único que bebia um gim capaz de produzir imagens de bichos pequenos e grandes, e também apagar as amarguras dos anos que passou. Ele dizia a todos que a Inglaterra não vivia uma situação normal, o Brexit, segundo ele, era o sonho de um cineasta louco.

Sérgio, o anfitrião brasileiro, chegou em Portugal antes da crise, não desejava deixar o país. Estavam presentes também um casal de portugueses, dois professores galegos, solteiros, meu filho e eu, brasileiro, desesperançado, bolsista do governo para fazer parte do doutorado na Europa.

Morávamos em Braga, cidade do norte, quase fronteira com a Galícia. Um lugar, pacato, que se mostrava aos poucos, com cinco euros se tomava um vinho de qualidade e se comia um Bacalhau com natas no almoço. Depois, um café expresso e uma nata por menos de um euro. Uma cidade importante da região do Minho, duzentos mil habitantes, quase 40 mil brasileiros tencionando o cotidiano, ameaças no paraíso.

Braga, um paraíso para os sentidos: doces, vinhos, cheiros, fumos e outros aditivos. Não se podia falar pastel de Belém, devia-se pedir por uma nata, era proibido falar muitas outras coisas, definitivamente não se tratava da mesma língua. Contudo, os brasileiros insistiam em vir pra cá, buscando uma familiaridade que nunca existiu, querendo romper uma hierarquia consolidada pela história.

Com uma bolsa de 1200 euros vivia-se muito bem em Portugal, em apartamentos razoáveis alugados por 300, 400 euros, fazia-se refeições agradáveis e até sofisticadas, oscilando entre cinco e oito euros. Agora tudo isso acabou, os brasileiros inflacionaram a cidade. Se eu pudesse não voltaria mais, o Brasil não é mais um país e sim um amontoado de pessoas estupefatas diante de dispositivos que vomitam mentiras o dia inteiro, pessoas que alternam as bobagens da internet com a ladainha dos pastores em seus púlpitos, vendendo milagres a prestação.

Naquele ano novo, bebíamos um dos melhores vinhos do mundo, os alentejanos, também havia carne, arroz de marisco, alheiras de caça, e um porco enorme no meio da mesa, comida que deveria trazer alguma alegria, mas por aqui só há esgares de sorriso.

As mulheres se produziram para a festa, mãos e pés feitos, cílios postiços, perfumes que não conheciam fronteiras, mas não havia sorrisos nem superstições, nenhum deus ganhava flores mas em compensação riam da nossa cara. Pobres mortais, acreditando novamente que o avançar estúpido de um relógio traria um bom ano como um toque de magia. Um brinde e apertos de mãos, conversas polidas e de bom tom, uma pena não haver alegria de nenhuma espécie.

O apartamento de Sérgio era pequeno, mas acolhedor, tentava entender seu silêncio, sua objetividade adquirida com anos na Europa, a melancolia que aqui tem uma cor própria e inquestionável.

- Alberto, seu doutorado o levará onde?

- Não faço ideia, viverei com dignidade enquanto durar a bolsa.

Sérgio formou-se engenheiro de alimentos na Unicamp e já teve emprego fixo em Portugal, adorava o país. “Depois da Crise de 2008 a Europa acabou, Portugal, a Espanha, França. Depois disso, só miséria e precariedades, afirmava Sérgio.”

- “Eu demorei a me acostumar ao bem-estar disso aqui, a calma da vida Portuguesa. Achava tudo muito quieto e lento, ficava feliz quando ia ao supermercado, a estabilidade dos preços, os milhares de vinhos a disposição”, dizia Sérgio. Não conseguia mais voltar ao Brasil, nem como turista: “O nosso despreço pelo futuro, a preponderância da inércia. Quietude é uma coisa, inércia é outra, qualquer engenheiro barato sabe disso”, ele divagava entre uma taça e outra do vinho Alentejano.

Meu filho estava quieto em um canto da sala, Raul era a única criança em meio a farrapos humanos. O nome era uma homenagem a Raul Seixas, um compositor genial que admirei há mais de dez mil anos. Enquanto todos louvavam Chico e Caetano, dei o nome dele ao meu filho.

Meu filho único adorava bossa nova e dirigia seu ódio a mim e ao Raul. Ele me chamava de louco, desperdicei a vida toda estudando sem conseguir juntar dinheiro e agora preciso terminar um romance sem pé nem cabeça e

concluir o terceiro pós doutorado. Falava que quando fizer dezoito anos não vai mais querer olhar na minha cara. Acredito que isso seja verdade, ele não vai me aguentar depois dos dezoito.

Meu filho sabia muito de mim e sua presença na minha vida é o que me mantinha em pé. Pegamos um táxi e fomos a Lapa, ao nosso apartamento em Braga. Estava sonolento e uma dor de cabeça desponta, os prazeres sempre cobram seu preço e não interessa se o ano está virando, se o calendário para ou acelera, o corpo não conhece superstições.

- O senhor mora perto da torre?
- Que torre?
- A torre verde.
- Não a conheço.
- Como não? A torre verde da Macro, meu senhor, A torre verde...

Descobri que a torre verde era um prédio insignificante, como todos os outros por ali, ladeados por padarias e bares, pois não é possível viver em Portugal longe desses pequenos comércios que fomentam a vida das chamadas freguesias. A freguesia de Lapa estava repleta de brasileiros, eles não paravam de chegar, quase não havia mais apartamentos para se alugar e só consegui alguma coisa porque o apartamento pertencia a família do meu orientador.

- O senhor é brasileiro?
- Sim.
- É como está o teu país?
- Só sei das notícias que todo mundo lê.
- Os dias perto da Torre serão os melhores da tua vida.

Texto recebido em: 27 jul. 2022.
Aceito em: 29 ago. 2022.